

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 1317

Data: 09.02.79

Pg.: \_\_\_\_\_

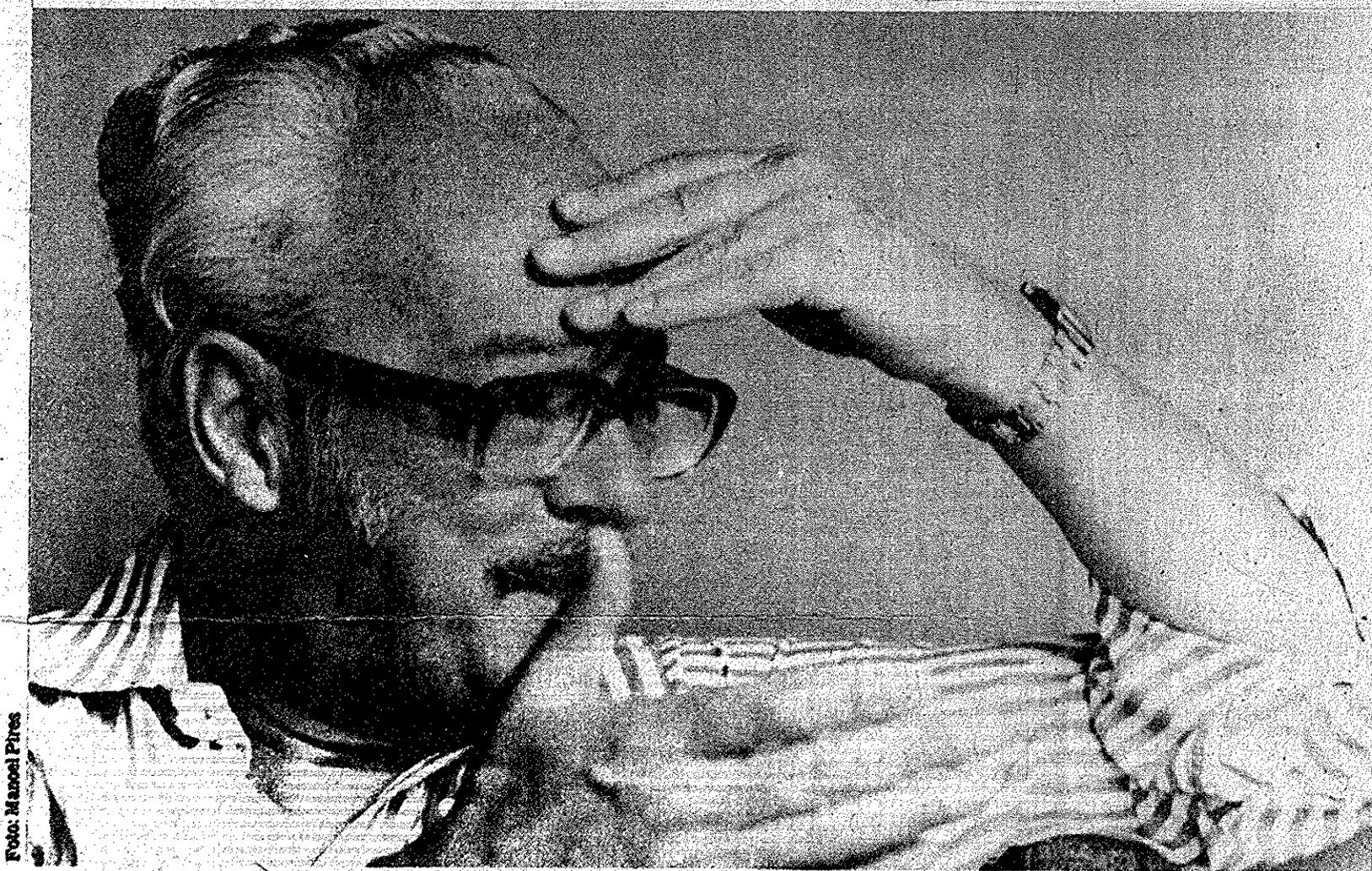


Foto: Marcel Pires

Antonio Callado: o melhor que se pode fazer por eles é retardar seu contato com a "civilização"

# Ninguém entende de índio neste país

ISA CAMBARÁ

RIO (Sucursal) — A reserva Pimentel Barbosa, dos xavantes, continua sendo notícia. Desta vez, foi a entrega, ao presidente da Funai, da "Borduna da Paz" pelo cacique Uarandi, atitude que pareceu a muitos um gesto de derrota. Afinal, em troca de que foi entregue a borduna? Mais uma vez, em troca de promessas de desapropriações futuras, com os índios abandonando suas reivindicações iniciais. A área reivindicada cada vez diminui mais. Como diz Antonio Callado, "daqui a pouco, vão querer dar aos índios um quintal, apenas".

Há muito, o autor de "Quarup" é um apaixonado pela cultura indígena. Desde o final da década de 40, quando voltou da Europa, ansioso por conhecer melhor o Brasil. Callado interessou-se pelos índios, depois de muitas viagens ao Xingu e à Amazônia. Hoje, o interesse continua vivo. No final do ano passado, por exemplo, ele passou três semanas observando de perto o trabalho de D. Pedro Casaldáliga, em Barra do Garça e Matinhas, justamente a área do conflito atual entre xavantes e fazendeiros. Na época, segundo Callado, já havia uma grande agitação.

"Os índios não podem ficar impassíveis, enquanto vêem as florestas sumindo e os brancos fechando o cerco em torno deles. Ele se vê imprensado entre o trator e o fazendeiro, e não pode fazer absolutamente nada para impedir isso. Ai, só resta o desespero, a ameaça patética da guerra. Guerra de quê? De bodoques? O máximo que eles tem são mesmo algumas espingardas de caça. Todos sabem — inclusive eles mesmos — que os índios não tem meios de realizar um movimento armado que restitua suas terras. Para isso, seria necessário uma reforma agrária".

Para Callado, a Funai não vai desapropriar as terras que prometeu por falta de condições. Lembra que, segundo a Constituição brasileira, a desapropriação de terras só pode ser feita mediante uma indenização prévia, justa e em dinheiro.

"A Funai teria dinheiro para pagar aos fazendeiros aquelas terras valorizadíssimas? Claro que não. Nem o governo pode fazer a reforma agrária por causa da lei. A solução, a meu ver, seria alterar a Constituição para facilitar o caminho para a reforma agrária, que poderia ser extensiva ao País todo. É evidente que não estou falando em reforma agrária na base de dar um sítio para cada agricultor. Falo em reforma agrária em forma de movimento de cooperativas, por exemplo, para acabar com a existência de "bolas-frias". Aliás, na minha opinião, a reforma deveria ser feita de acordo com as necessidades regionais: uma solução para cada região. Mas, para isso, seria necessário mudar esse dispositivo da Constituição".

O escritor não vê como solucionar o problema das reservas indígenas sem a reforma agrária, para ele, imprescindível. Lembra que até o papa João Paulo 2.º — "tido como conservador" — realçou há dias, em Puebla, a necessidade de se dar terras aos camponeses. Para Callado, não há país no mundo que tenha progredido sem a reforma agrária: "É bom não esquecer que os Estados Unidos fizeram a reforma agrária nos tempos de Jefferson, antes de qualquer reivindicação social".

Outro fator que Callado acha necessário para resolver o problema das reservas indígenas é um entendimento perfeito entre o IBDF e a Funai. Ele não consegue compreender o porquê da existência de dois órgãos para tratar de assuntos paralelos.

"O índio é parte natural da floresta. Se o IBDF cuida das florestas, tem que cuidar do índio. E não ficar brigando eternamente com a Funai. Mas, ao que parece, os homens do IBDF estão mais interessados em derrubar as florestas, principalmente depois que descobriram que a derrubada de árvores rende milhões de dólares, que ajudam a pagar a dívida externa. E haja árvore para pagar essa dívida. Nesse plano de devastação florestal, acaba-se com o índio. O governo poderia criar um ministério para cuidar dos interesses naturais do Brasil. Ai quem sabe a devastação seria menor."

Na opinião de Antonio Callado, se não houver um movimento sincero para defender o índio, ele desaparece em dez anos.

"Morre ou se transforma no que eu vi em Barra do Garça: índios bêbados, corrompidos pelo contato com os "civilizados". É claro que vi, também, índios conscientes, dispostos a defender seus valores. Mas até quando? A pressão em cima deles é cada vez maior. E eles não compreendem os "civilizados". Tenho a impressão que, para eles, somos como os marcianos para os "civilizados". E, para nós, é quase impossível entendê-los. Pode-se entender sua língua, seu alfabeto, mas sua cultura, não. Os índios são completamente diferentes de nós. Isso que os indigenistas da Funai deveriam entender, pois assim não os lançariam, como fazem agora, num tipo de vida que não é deles, mas nosso. A meu ver, a única solução para o índio seria a criação de mais parques nos moldes do Parque do Xingu. Mas aí entra o problema da reforma agrária. Se fossem criados mais parques, eles iriam tomando contato com a civilização, lentamente. Isso seria o certo, pois o melhor que se pode fazer por eles é retardar seu contato com a "civilização".